

EDITORIAL

O presente número de *Estudos bíblicos* enfoca um tema fundamental sob vários aspectos: o Jesus histórico e as primeiras movimentações de grupos seguidores seus, à luz de algumas das mais relevantes tradições da sociedade e religião de Israel. Tema fundamental, porque marcado por vários preconceitos; fundamental, porque decisivo nas relações entre cristianismo e judaísmo; fundamental, porque problematiza aspectos importantes da vida e da cultura naquelas terras tão sagradas e ainda hoje tão ensangüentadas.

O tema do Jesus histórico é sempre instigante, desde quando foi colocado sob as lentes da pesquisa histórica e teológica. Mais recentemente, arqueologia, sociologia e antropologia têm projetado novas e promissoras luzes sobre ele. Por outro lado, na América Latina essa temática ganha densidade peculiar, visto que muita gente tem tratado de viver à luz dos horizontes a que a ação e proclamação de Jesus terão apontado. Em nosso continente o Jesus histórico não é apenas tema de pesquisa, mas desafio vital e comprometedor.

Mas este volume tem em mente também o III Congresso Brasileiro de Pesquisa Bíblica, a ser realizado no mês de setembro de 2008, em São Paulo, exatamente com essa temática. Assim, os artigos aqui reunidos servem de subsídio preparatório a esse momento significativo da pesquisa bíblica em nosso país. E podem continuar em suas mãos, leitor e leitora, proporcionando elementos para pensar, questionar, redefinir...

Começamos com os messianismos em Israel. As tradições messiânicas são várias. Donizete Scardelai aborda algumas delas: as tradições judaicas que tiveram muitas vidas (a doutrina messiânica do Targum, por um lado, e, por outro, a memória do fracasso de Bar Kockba), a antiga tradição de escolha popular do rei, os movimentos antes e depois do tempo de Jesus, relatados por Flávio Josefo, a tradição do messias sofredor e sua presença em Qumran antes de Jesus. O artigo seguinte, de José Luiz Izidoro, se situa na esteira desse primeiro ao abordar o servo sofredor de Is 53 como referência indispensável para a compreensão de facetas das cristologias neotestamentárias e mesmo, de alguma forma, para a autocompreensão de Jesus. A provocação de Paulo Nogueira, postulando uma relação complexa entre Jesus com seu anúncio, as primeiras tradições sobre ele e o tema do sacrifício, questiona consensos teológicos que acabam criando um fosso com a religião de Israel, e ainda com as percepções populares de Jesus e seu destino trágico.

Valtair Miranda aborda em seu texto o tema da apocalíptica. Esta não é, a rigor, uma tradição de Israel, mas uma tradição dos estudos bíblicos que ressalta uma série de marcas dentro das tradições de Israel. Valtair introduz o leitor ao assunto e o dirige,

no que tange à apocalíptica do próprio Jesus, ao capítulo 17 de Lucas (e não a Marcos 13 e seus paralelos).

Um conjunto de artigos versa sobre aspectos distintos da sabedoria em Israel. O “Evangelho radical Q”, ou “Fonte dos Ditos”, que seria a fonte literária de muitos ditos de Jesus contidos em Mateus e Lucas, tem sido muito pesquisado nos últimos anos. Elisa Rodrigues introduz o leitor ao assunto e defende que, apesar da contribuição do cinismo grego e da *chreia* grega, os ditos de Jesus são profundamente enraizados na sabedoria e apocalíptica de Israel. Paulo Proença liga Jesus às tradições sapienciais que se opõem às idéias simplórias de retribuição e recompensa e, com Jesus e estas tradições, ele enfrenta a teologia da prosperidade. Pedro Lima Vasconcellos considera uma parábola atribuída pela tradição evangélica a Jesus, perguntando-se pelo seu percurso e pela sua complexa inserção na história sociocultural de Israel.

Archibald Mulford Woodruff nos brinda com um texto que vasculha segmentos distintos das tradições israelitas para ancorar as narrativas evangélicas dos milagres de Jesus, proporcionando novos caminhos para a abordagem delas. Paulo Roberto Garcia mostra como Jesus e seu movimento estiveram envolvidos nos debates sobre a hermenêutica da Lei, e como as posições aí assumidas foram decisivas para definições de contornos decisivos desse mesmo movimento.

Por sua vez, Monika Ottermann procura, em seu provocante ensaio, por uma coisa que ela não acha: menções das matriarcas ou mulheres de patriarcas em relação a Jesus nos evangelhos (a menção de Raquel em Mt 2,18 não cabe em seus critérios). As grandes mães de Israel faltam, mas mulheres das margens de Israel se fazem presente. Monika passa a refletir sobre a tradição apócrifa e polêmica segundo a qual Jesus teria sido gerado por um soldado de nome Pantera. Uma resenha, sobre importante obra a respeito do tema em torno do qual giram os artigos dessa revista, feita por Rafael Rodrigues da Silva, fecha o volume.

Este volume presta, por fim, mas não por último, uma homenagem. Um dos coordenadores que editam este número de *Estudos bíblicos* retornará, no fim deste ano, a sua terra natal, os Estados Unidos. Por vinte anos o prof. Archibald Mulford Woodruff esteve em nosso meio, e nesse tempo muitos/as pudemos usufruir de sua amizade sincera e sabedoria humilde, bem como de seu amor por nossa terra tão querida e maltratada. Estudantes de teologia e ciências da religião, bem como colegas de docência, pudemos admirar sua competência e ter o benefício de sua erudição. *Estudos bíblicos* n. 99, ao tratar de “Jesus e as tradições do antigo Israel”, e tendo vários de seus textos produzidos por ex-alunos do prof. Archibald, seja visto também como um tributo de gratidão e apreço por ele, a quem o enraizamento, em terras brasileiras, da pesquisa sobre o Jesus histórico deve muito.

Archibald Mulford Woodruff
Pedro Lima Vasconcellos